



VI Jornada de Iniciação Científica

VII SEMINÁRIO CIENTÍFICO DO UNIFACIG

Sociedade, Ciência e Tecnologia

ADOLESCÊNCIA E VULNERABILIDADES SOCIAIS: DEMANDAS PARA PROFISSIONAIS DE PSICOLOGIA NA PRÁTICA CLÍNICA.

**Guilherme Nascimento Faria¹, Juliana da Silva², Luana Steffany de Souza
Azine³, Onair Zorzal Correia Junior⁴**

¹Graduando em Psicologia, Centro Universitário Unifacig, Manhuaçu-MG, gnfaria1@gmail.com

²Graduanda em Psicologia, Centro Universitário Unifacig, Manhuaçu-MG, juhlianassilva@gmail.com

³Graduanda em Psicologia, Centro Universitário Unifacig, Manhuaçu-MG, luanaazine@hotmail.com

⁴Mestre em Psicologia Social pela UFMG, Ipatinga-MG, onairzorzal@gmail.com

Resumo: O presente trabalho, objetivou-se discutir como a atuação clínica da psicologia é impactada pelas vulnerabilidades sociais, na compreensão do enfrentamento dos adolescentes a essas situações advindas da questão social. Para isso, debruçou-se sobre as literaturas acerca do tema e buscou-se conceitualizar como se dá o fazer da psicologia. O conceito de vulnerabilidade vem se tornando comum na produção de trabalhos científicos, o que demonstra um maior interesse nos últimos anos. No âmbito da psicologia, torna-se necessário o conhecimento e a atuação ativa do profissional frente às demandas que tais vulnerabilidades possam ocasionar nos sujeitos a elas expostos, tendo compreensão que as vulnerabilidades se vinculam as minorias sociais, uma vez que se subentende que uma população ou indivíduo para se caracterizar como vulnerável, o mesmo esteja ligado a um grupo de menor dominância. Por isso, este trabalho volta-se às questões da vulnerabilidade, entendendo-a como um conceito de múltiplas definições e que afetam diferentes indivíduos nas mais diversas ocasiões. No decorrer do presente estudo discute-se quais são essas vulnerabilidades, como ocorrem, e como a psicologia se posiciona no atendimento e acolhimento dos indivíduos afetados pelas mesmas.

Palavras-chave: Vulnerabilidades Sociais; Adolescência; Psicologia; Psicologia Clínica.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas.

ADOLESCENCE AND SOCIAL VULNERABILITIES: DEMANDS FOR PSYCHOLOGY PROFESSIONALS IN CLINICAL PRACTICE.

Abstract: This study aimed to discuss how the clinical performance of psychology is impacted by social vulnerabilities, in the understanding of the adolescents' coping with these situations arising from the social issue. For this, it looked at the literatures on the subject and sought to conceptualize how psychology is done. The concept of vulnerability has become common in the production of scientific papers, which has shown greater interest in recent years. In the context of psychology, it is necessary for professionals to know and act actively in the face of the demands that such vulnerabilities can cause in the subjects exposed to them, understanding that as vulnerabilities they are linked as social minorities, since it is understood that a population or individual to characterize themselves as vulnerable, they are linked to a less dominant group. Therefore, this work turns to the issues of vulnerability, understanding it as a concept of multiple disciplines that affect different ones belonging to the most diverse occasions. This study discusses what these vulnerabilities are, how they occur, and how psychology positions itself in the care and reception of those affected by them.

Keywords: Social Vulnerability; Adolescence; Psychology; Clinical Psychology.

INTRODUÇÃO

O presente estudo volta-se ao tema da adolescência em contexto de vulnerabilidades sociais, entendendo tais fatores como demandas frente a prática clínica da psicologia. De acordo com Remédios (2010), a maioria dos jovens faz a transição entre a infância e a adolescência com sucesso,

no entanto, nem sempre as exigências pessoais e sociais são vivenciadas de forma tão eficaz como seria de esperar. Dessa forma, algumas dessas diferenças nas exigências sociais e pessoais podem ser compreendidas como vulnerabilidades, sendo assim, este estudo busca problematizar como a psicologia clínica pode intervir em situações de vulnerabilidade.

Objetivou-se analisar as diversas vulnerabilidades sociais que podem ser acometidas aos adolescentes, desenvolvendo através do presente estudo um olhar crítico sobre o meio social, buscando através dessa análise entender como as vulnerabilidades sociais afetam o indivíduo e a atuação clínica da psicologia nesse âmbito.

Buscou-se elencar as possíveis vulnerabilidades sociais enfrentadas na adolescência e os contextos nos quais elas se fazem presentes, tendo em vista as formas de intervenção frente a esses casos. Também buscou-se compreender como a Psicologia tem trabalhado com tais questões e a melhor forma de conduzi-las no âmbito clínico, analisando de forma crítica e aprofundada sobre o fazer psicológico frente à essas questões de vulnerabilidade enfrentadas pelos adolescentes, conhecendo assim, através do referencial teórico, as intervenções cabíveis a essas vulnerabilidades.

O tema em questão foi escolhido tendo em vista a grande importância que a fase da adolescência tem na construção da subjetividade. Por se tratar da adolescência uma fase de conflitos internos e externos o presente trabalho visa se orientar, através da literatura científica, acerca dos objetivos e problemáticas propostos.

METODOLOGIA

O procedimento de coleta de dados ocorreu através da realização de pesquisas na base de dados SciELO (Scientific Electronic Library Online) além de pesquisas no Portal de Periódicos CAPES além de materiais complementares como dados estatísticos obtidos no site do Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento (SNIS). Buscou-se pelas palavras chaves: Vulnerabilidade Social, Adolescentes, Clínica, Psicologia, utilizando para cruzar os termos durante a pesquisa a lógica booleana que consiste em utilizar o operador AND combinando as palavras-chave em questão no ato da pesquisa, a fim de afunilar nossa pesquisa ao tema em questão.

Levou-se em conta para a construção da temática a observação dos autores sobre as demandas apresentadas pelos pais, familiares e até mesmo pelos próprios adolescentes, tendo em vista que os autores do presente estudo atuam como estagiários em psicologia na área clínica em uma localidade com várias vulnerabilidades, muitas delas enfrentadas pelos adolescentes em atendimento. Buscou-se então, meios que pudessem embasar e relatar as possíveis demandas, formas de atuação e como é realizado o fazer psicológico nesses casos, ponderando a necessidade de um panorama geral acerca do tema em questão.

Para a construção do presente trabalho, adotou-se a seguinte ordem: Definição do tema; buscas bibliográficas. Leituras exploratórias, seleção dos trabalhos, leitura, interpretação, análise e escrita.

REFERENCIAL TEÓRICO

A adolescência traz consigo desafios e descobertas que incidem sobre a formação do sujeito. Quando se pensa a adolescência, ainda se pode identificar uma tendência a caracterizar esse período apenas como um momento no curso de vida, repleto de dificuldades, conflitos, alterações constantes de humor e comportamentos de risco (MACEDO, 2015). Questionando tal premissa, Oliveira et.al (2010) considera a adolescência como uma fase de transformação, devendo ser entendida a partir da sua construção histórico-social, que recebe influências da dinâmica social nos diferentes contextos e momentos culturais nos quais a pessoa se desenvolve. Ainda segundo a autora, embora algumas transformações sejam semelhantes para a maioria dos adolescentes, os determinantes socioeconômicos os expõem de modo singular ao adoecimento e à marginalização.

Nesse sentido, Sapienza e Pedromonico (2010), demarcam a adolescência como um período de vulnerabilidade para muitos, pois é uma fase do desenvolvimento em que ocorrem mudanças físicas e psicológicas; é quando o indivíduo começa a tornar-se independente dos pais e dar mais valor aos pares; é também quando o indivíduo quer explorar uma variedade de situações com as quais ele ainda não sabe bem como lidar. Nesse universo de incertezas ressalta-se os diversos aspectos sociais que impactam as vivências da adolescência, aqui denominadas de vulnerabilidades sociais.

Segundo Monteiro et.al (2012) definir vulnerabilidade social é mais do que um exercício intelectual, tem por objetivo compreender os desafios e tensões que se colocam para as políticas sociais, no sentido de efetivar-se na perspectiva proativa, preventiva e protetiva. Sobre isso, Guareschi

et.al (2007) apresenta que o conceito de vulnerabilidade não se restringe à categoria econômica, passando por organizações políticas de raça, orientação sexual, gênero e etnia.

Considerando os desafios da adolescência, alguns desses fatores de risco podem estar em evidência quando se considera a exposição às vulnerabilidades nessa fase da vida. Frente a isso, os fatores de risco podem se intensificar na adolescência, uma vez que o conceito de vulnerabilidade sustenta-se na correlação entre a elaboração da subjetividade do sujeito interseccionada com o seu meio social e consequentemente aos fatores de risco que esse indivíduo está exposto. O conceito de risco articula-se a marcadores, tais como comportamentos e pertencer a grupos e populações específicas (GUARESCHI et.al, 2007), essas populações, podem também ser conceituadas a partir da ideia de marcadores identitários, que descrevem os adolescentes como sendo uma população vulnerável, por questões sociais, por exemplo. Ressalta-se, contudo, que pertencer a um determinado grupo não coloca o sujeito em situação de risco por si só, isso se faz mediante a uma lógica estigmatizante construída socialmente que se modifica ao longo do tempo e do espaço.

A composição de grupo, etnia, raça, gênero, família ou profissão à qual o mesmo está inserido, e a características específicas tais como ser pobre, negro e morador de zonas periféricas, podem atuar de forma a limitar as possibilidades de que os sujeitos possam se posicionar frente a outros conceitos se não o de população vulnerável. (GUARESCHI et al, 2007). Pode-se entender que a população considerada vulnerável faz parte de um grupo de menor dominância no âmbito das relações de poder (SCOTT et al, 2018), no que diz respeito às situações de pobreza, de miséria e de sofrimento psicossocial.

DESENVOLVIMENTO

Como já citado a fase da adolescência apresenta uma série de mudanças no indivíduo, e essas mudanças se não forem bem elaboradas e entendidas podem acarretar em inúmeros danos para a vivência desse indivíduo em sociedade no decorrer da vida. Quiroga e Vitalle, (2013) argumentam sobre a tradição científica, de encarar a adolescência como sendo somente uma ponte entre a infância e a idade adulta e que resulta em uma fase de construção identitária, segundo eles, “a identidade é entendida como o resultado das relações entre as dimensões biológica e social que vão se amalgamando através da vivência do indivíduo ao longo dos anos.” (QUIROGA; VITALLE, 2013, p.864). A partir disso, é possível identificar o grande poder que as relações sociais tem sobre a construção da identidade de adolescentes e o quanto estar exposto a vulnerabilidade sociais pode agir de forma negativa nessa construção.

As transformações recorrentes a esses indivíduos durante a adolescência e a construção identitária está diretamente ligada a um período de incertezas, comparando-se como uma fronteira entre o mundo infantil e a vida adulta, sendo caracterizada por um momento de instabilidade, onde de um lado há a busca pela independência e amadurecimento próprio e por outro um “bloqueio” causado pelos agentes externos que atuam de forma a moldar essa identidade que está sendo construída (QUIROGA; VITALLE, 2013). Essa fase, então, não deve ser reduzida apenas a uma simples fase de passagem, pois trata-se de uma transformação para a vida adulta, se caracterizando por uma fase de decisões, sejam elas biológicas, sociais ou psicológicas (FONSECA et al, 2012). Para Fonseca et al (2012, p.259): “Os adolescentes vivem uma constante busca para encontrar sua real personalidade, manifestando comportamentos extremos e, em determinados momentos, mostram-se negligentes com os cuidados à saúde.” Sabendo disso, por vezes, essas transformações, em conjunto com o enfrentamento frente às vulnerabilidades sociais acaba colocando o sujeito adolescente em um local de fragilidade, fazendo com que por vezes esse público se torne dependente ao ambiente físico e social em que se encontra.

Para Fonseca et al (2012, p.259) “Em determinadas situações, o estado de vulnerabilidade pode afetar a saúde, mesmo na ausência de doença, mas com o abalo do estado psicológico, social ou mental”. Sabendo das mudanças em que os adolescentes estão destinados a passar, é necessário também entendermos do que se trata realmente uma vulnerabilidade social.

O conceito de vulnerabilidade social vem sendo utilizado em estudos de várias áreas e para a elaboração do presente trabalho, foi revisado a conceitualização de vulnerabilidade social no âmbito da psicologia afim de embasar nossas buscas aliadas a adolescência.

A presença de diversos trabalhos envolvendo essa temática nos últimos anos demonstra a sua relevância e importância no âmbito científico e social, entretanto, através de pesquisas não se pôde definir vulnerabilidades sociais em um único conceito, existindo assim diferentes definições para o termo. Scott et al (2018), traz em seus estudos de que o conceito de vulnerabilidade vem sendo amplamente trabalhado desde a década de 1990, tendo uma atenção especial à vulnerabilidade social,

principalmente para trabalhos ligados à produção científica e nas falas daqueles que trabalham com saúde ou assistência social, mas de fato, segundo Scott et al (2018, p.601):

A definição de vulnerabilidade vem sendo discutida mais atrelada ao termo minorias, por se entender que a população considerada vulnerável faz parte de um grupo de menor dominância social. Dessa forma, percebe-se que ser ou não vulnerável está associado à ideia de precariedade de condições de vida.

O que é reforçado por Guareschi et al (2012, p.20) ao argumentar que a vulnerabilidade social pode ser entendida como sendo “uma posição de desvantagem frente ao acesso às condições de promoção e garantia dos direitos de cidadania de determinadas populações”. Populações essas que podem ser compreendidas de diversos âmbitos, ainda de acordo com Guareschi et al (2012) “Vulnerabilidade não se restringe à categoria econômica, passando por organizações políticas de raça, orientação sexual, gênero, etnia.” (GUARESCHI et.al, 2012, p.22), os autores ainda exemplificam a partir da raça negra, que comumente é ligada à imagem de vulnerabilidade, onde os indivíduos recorrentemente tendem a ter a sua mobilidade social um pouco mais restrita em razão da tonalidade de sua pele, não necessariamente, por apresentar uma situação econômica em estado de desvantagem ou de vulnerabilidade.

ATENDIMENTO CLINICO E A ATUAÇÃO DO PSICOLOGO

É perceptível um aumento significativo das áreas de atuação da Psicologia nos últimos anos, o que evidencia uma ampliação de seus locais de trabalho. A área clínica, (se não a maior) se caracteriza como sendo uma das que mais vem se ampliando e ganhando seu espaço de atuação perante a sociedade.

A mesma se caracteriza como sendo uma área de atuação de psicólogos que se baseiam em métodos e técnicas que aproximam e visam favorecer ao profissional um conhecimento a fundo quanto a realidade psíquica e comportamental de um determinado sujeito ou grupo. Esses espaços terapêuticos visam a promoção da saúde mental e do bem estar individual e coletivo. Os atendimentos clínicos podem ser de caráter individual, de casais, familiares, grupos de pessoas, funcionários de empresas, etc. , podendo abranger todas as faixas etárias, permeando entre a infância, adolescência, fase adulta e velhice, atendendo às mais diversas demandas no setting terapêutico, recebendo demandas relacionadas à problemas existenciais, sofrimentos psíquicos, psicopatologias, questões que envolvem a sexualidade, relacionamentos interpessoais, núcleo familiar, pessoas em estado de vulnerabilidades (cuja área é de interesse para o presente trabalho), e outras tantas demandas abordadas.

De acordo com Dutra (2004), a etimologia do termo clínica, nos remete ao significado de “a beira do leito” o que evidencia inicialmente esse processo se baseando a partir das influências do modelo biomédico, tendo como foco de atenção ainda de acordo com Dutra (2004, pag. 382) “a compreensão e o tratamento da doença.” Por essa visão biomédica da clínica psicológica, estereótipos relacionados aos atendimentos se perpetuaram por muitos anos e ainda hoje é possível se encontrar resquícios de tal visão, delegando a psicologia, a atuação frente à apenas o tratamento de “doentes mentais” ou popularmente dito, uma ciência voltada ao tratamento e acompanhamento e tratamento de “doidos”, conceitualização errônea acerca da psicologia, que atua frente à promoção da saúde, prevenção de transtornos e patologias e na manutenção da saúde dos indivíduos, essa distorção ligada à atuação da psicologia torna-se um fator que dificulta a busca por um atendimento profissional quando se faz necessário.

Outra questão levantada por Dutra (2004) em seu trabalho está ligada à abertura apresentada aos tratamentos psicológicos, a autora argumenta:

[...] em termos de representação social do psicólogo clínico, a função deste tem se aproximado daquela exercida pelo médico. Por exemplo, é possível se constatar, ainda hoje, no cotidiano da prática clínica, que muitos procuram esse profissional com a disposição de apresentar o seu sofrimento, problema ou o que quer que seja que assim se apresente. E, ao final, esperar uma solução rápida e eficaz, que atenda à cura do seu mal psíquico, aproximando um sofrimento que é da ordem do psicológico e do simbólico, à doença do físico, e que poderia ser tratado através da prescrição de uma medicação adequada, como o faz o médico. [...] (DUTRA, 2004, pag.382)

Lo Bianco et al. (1994, apud DUTRA, 2004), apresenta como principais características da prática clínica em sua forma mais tradicional, práticas como: O psicodiagnóstico, a psicoterapia individual ou grupal, funções desempenhadas no consultório individual em que o psicólogo se apresenta como profissional liberal autônomo, atendendo na sua maioria das vezes uma clientela com um alto poder aquisitivo. Tal situação apresenta a profissão de um lugar elitista, sendo isso um fator de observação para as demandas da clínica, principalmente no que se refere a não procura de atendimento por uma população acometida de vulnerabilidades sociais, caracterizando tais indivíduos com pouco poder aquisitivo, colocando a necessidade e a procura por uma ajuda clínica psicológica em segundo plano, talvez por entender de se tratar de uma “regalia” direcionada apenas a uma pequena parte da população que se encontra em uma parcela de uma classe mais alta.

VULNERABILIDADES DENTRO DA CLÍNICA PSICOLÓGICA

Para discorrer sobre as possíveis vulnerabilidades sociais encontradas da clínica psicológica, utilizou-se para a construção deste trabalho 3 categorias temáticas, encontradas e classificadas por Scott et al. (2018) através de seus estudos sobre o conceito de vulnerabilidade social no âmbito da psicologia no Brasil, sendo elas: Vulnerabilidade social como exposição a riscos; Vulnerabilidade social baseada em aspectos demográficos e, ou, socioeconômicos; Vulnerabilidade social a partir de uma noção multidimensional.

Essas 3 categorias observadas por Scott et al. impactam diretamente na formação do sujeito, principalmente durante sua adolescência. Sabendo disso, buscou-se entender como se dá o fazer psicológico clínico à adolescentes expostos a essas três categorias temáticas voltadas às vulnerabilidades, norteando-se à luz dos estudos dos já mencionados autores.

Antes de adentrar a essas três categorias se faz necessário definir o que viria a ser esses fatores de riscos ao qual os adolescentes e pessoas em estado de vulnerabilidade podem enfrentar, segundo Scott et al. (2018), podem se caracterizar fatores de risco, aquelas condições ou situações que provoquem direta ou indiretamente efeitos negativos ou indesejáveis, podendo se estender à comportamentos que comprometam a saúde física e psíquica juntamente com o bem estar do indivíduo. Em concordância Paulino e Lopes (2010) conceituam risco como sendo um conjunto de ações ou atividades que aumentam as chances de consequências negativas para o desenvolvimento psicossocial, por consequência de tais atividade e/ou ações o indivíduo pode desenvolver ou agravar danos e/ou doenças, sejam elas físicas ou psíquicas.

Em seu trabalho Scott et al. argumenta sobre a relação entre o estado de vulnerabilidade social e a exposição a riscos utilizando como campo de visão a exposição a doenças infectocontagiosas, os autores citam o HIV/aids como exemplo de doença infectocontagiosa que pode levar o indivíduo a um estado de vulnerabilidade, não somente física, mas também psicológica devido ao esgotamento mental ocasionado pela brusca notificação da contração de tal doença. Importante se atentar que apesar de citado o HIV/aids no estudo tomado como base para esse tópico, o mesmo não se caracteriza como única doença infectocontagiosa que pode ser acometida a estes indivíduos em vulnerabilidade por risco, mas que para melhor entendimento utilizou-se dos exemplos encontrados na literatura base.

Para Ayres et al. (2009, apud SCOTT et al. 2018) a conceitualização de vulnerabilidade social atrelada às doenças infectocontagiosas como o HIV/aids por exemplo, surgiu da exposição de sujeitos à infecção pelo vírus, que consequentemente ocasionava um adoecimento pelo desenvolvimento e avanço da doença. A ligação entre as doenças infectocontagiosas e a vulnerabilidade se deve, pois os diversos aspectos contextuais, individuais ou coletivos influenciam na demarcação dos grupos que beiram o risco à infecção, ou seja, a população que possivelmente estaria mais suscetível ao contágio de tal doença, se caracterizando como uma população mais vulnerável socialmente à infecção.

Dessa forma é possível identificar que o estado de vulnerabilidade ligado à exposição à doenças infectocontagiosas está intimamente atrelado também a questões de classe, por exemplo, as grandes desigualdades relacionadas ao saneamento básico na população brasileira, é um dos fatores que estão emaranhados á muitas doenças infectocontagiosas, segundo dados do Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento (SNIS) em uma amostra em 75,9% do municípios brasileiros, no ano de 2019 cerca de 16,3% da população brasileira ainda não conta com água tratada em suas residências, e aproximadamente 45,9% dos brasileiros não possuem sistema de esgoto em seus domicílios ligados diretamente à locais de tratamento do mesmo (SNIS, 2019), tais dados se interseccionam com os dados de vulnerabilidades enquanto classe o que favorece a aparição de doenças infectocontagiosas, dessa forma, Moraes et al (2012) relaciona a questão de vulnerabilidade à aspectos sociais e políticos, para tanto , os autores já mencionados argumentam que “a perspectiva de

vulnerabilidade social sugere um entendimento da mesma como o resultado de um processo social que está diretamente ligado à condição de vida e aos suportes sociais.”.

Os pontos de vulnerabilidade social como exposição a riscos e vulnerabilidade social baseada em aspectos demográficos e, ou, socioeconômicos estão diretamente interligados, os aspectos demográficos e socioeconômicos podem resultar em desigualdades sociais, processos de exclusão e, ou, manutenção de violência nas relações. Esta perspectiva defende que a vulnerabilidade social surge quando os recursos materiais e simbólicos não são compatíveis, gerando, por consequência, um resultado negativo. Essa realidade sociodemográfica do indivíduo esta por muitas vezes intimamente interligada à aparição de riscos, sejam doenças infectocontagiosas, riscos oriundos das drogas, trafico, violência ou a condutas desses indivíduos. (SCOTT et al. 2018).

Tendo em vista a correlação entre os aspectos sociais voltados à vulnerabilidade social e à exposição de riscos e a mesma baseada em aspectos demográficos e socioeconômicos voltadas para o público da adolescência faz-se necessário buscar quais as formas de atuação da psicologia enquanto clinica nesse aspecto.

Sabe-se que a adolescência é uma fase da vida onde o sujeito precisa identificar e demarcar seu papel dentro do meio social ao que está inserido, fortalecendo e consolidando sua identidade (SCOTT et al. 2018). Ainda para o autor, “o adolescente pode se tornar vulnerável a determinadas situações de risco individual ou social, uma vez que se expõe a experiências para consolidar aspectos da sua personalidade.” (SCOTT et al. 2018, pag.607).

Analizando a vulnerabilidade social a partir do aspecto multidimensional, é possível abranger todos os já mencionados, uma vez que essa categoria, segundo o que traz os autores, Scott et.al., abrange um olhar mais complexo sobre a conceituação de vulnerabilidade social, considerando outras variáveis.

Sobre as variáveis que interferem no bem estar, por esse aspecto multidimensional, os autores trazem como exemplo, a inserção do sujeito no mercado de trabalho, a qualidade de suas relações sociais, os serviços a que tem acesso ou dispõe e as formas de proteção proporcionadas pelo Estado e que interferem na sua qualidade de vida e bem-estar.

Pode-se considerar, com base nos estudos de Scott et.al., que existe uma multiplicidade de fatores imbricados na perspectiva da vulnerabilidade social, estando dentre eles as condições socioeconômicas, os acessos aos serviços, a cultura prevalente, as relações sociais e a própria subjetividade. Considerando que o público adolescente que demanda o atendimento clínico, através das vivências em prática nos estágios da clínica infanto-juvenil, por muitas vezes, ou na maioria delas estão inseridos em alguma dessas categorias mencionadas, sendo necessário se fazer uma análise geral, buscando entender todos os aspectos de vulnerabilidade ao qual o paciente está inserido, a fim de se obter práticas e intervenções que respeitem as vivências do sujeito, considerando também o ambiente ao qual o mesmo recebe e exerce influências.

Dessa forma, a clínica psicológica frente a essas demandas de confronto com riscos sociais e/ou demandas relacionadas à aspectos demográficos ou sobre um olha multidimensional deve estar pautada ao acolhimento desse sujeito, pautando a conduta profissional de acordo com o que determina seu código de ética, principalmente no que define os princípios fundamentais do mesmo código, realizando seu atendimento a essa população baseando-se, como cita em seu artigo I “no respeito e na promoção da liberdade, da dignidade, da igualdade e da integridade do ser humano”(CEPP, 2005, p.7), visando promover sempre como determina seu artigo II “a saúde e a qualidade de vida das pessoas e das coletividades[...]”(CEPP, 2005, p.7) contribuindo assim “[...] para a eliminação de quaisquer formas de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão” (CEEP, 2005, p.7), e de acordo com seu artigo III, atuando sempre com “responsabilidade social analisando crítica e historicamente a realidade política, econômica, social e cultural.” (CEEP, 2005, p.7).

Tendo em vista a estigmatização acerca da psicologia ainda nos dias atuais o profissional da clínica que se depara com situações de vulnerabilidades em qualquer âmbito deve, ainda de acordo com os princípios fundamentais de seu código de ética contribuir para a “universalização do acesso da população às informações, ao conhecimento da ciência psicológica, aos serviços e aos padrões éticos da profissão” (CEEP, 2005, p.7), como cita seu artigo V, zelando assim para que o exercício da psicologia seja realizado “com dignidade, rejeitando situações em que a Psicologia esteja sendo aviltada.” (CEEP, 2005, p.7).

CONCLUSÃO

O período da adolescência caracteriza-se como uma fase conturbada e de grandes transformações que traz consigo inúmeras oportunidades de descobertas e desafios. As

transformações ocorridas nessa fase, sejam elas cognitivas, físicas e/ou sociais influenciam diretamente na elaboração da subjetividade de cada indivíduo.

É nessa fase que o indivíduo amadurece e estabelece grandes características da sua personalidade, e para tanto, a influência do ambiente que os cerca e o auxílio de seus pares sociais é de extrema importância na elaboração e no decorrer dessa passagem entre a infância e a fase adulta, principalmente sabendo da grande importância que as relações sociais tem na construção identitária do ser, sendo que a exposição às vulnerabilidades pode fragilizar esse período.

O estudo em arte buscou elencar as possíveis situações de vulnerabilidades acometidas aos adolescentes, e que por muitas vezes estão diretamente ligadas às questões de classe. O termo vulnerabilidade como já mencionada, se localiza em um local de múltiplos significados, não havendo como delimitar um único para este trabalho, dessa forma, trabalhou-se com a atuação da psicologia frente à três pontos, sendo eles: vulnerabilidade social e a exposição a riscos; vulnerabilidade social baseada em aspectos demográficos e, ou, socioeconômicos e vulnerabilidade social a partir do aspecto multidimensional, sendo essa última observada com um olhar mais complexo sobre a conceitualização de vulnerabilidade.

Esses três pontos encontrados e discutidos no presente trabalho se interseccionam e demonstram que as vulnerabilidades encontradas se voltam para as oportunidades e que por vezes resultam em desigualdades sociais, processos de exclusão e, ou, manutenção de violência nas relações, sabendo disso, observou-se que há uma linear aparição de fatores entre esses três pontos abordados como por exemplo: as condições socioeconômicas de cada indivíduo, os acessos aos serviços sejam eles os serviços básicos de saneamento, de saúde, educacional, de informação etc., à cultura prevalente principalmente perante suas relações sociais, e a própria personalidade, construída através de um processo singular para cada indivíduo.

Dessa forma, a atuação da psicologia nesses casos volta-se não somente para o indivíduo, mas também para a intervenção ativa em todo o sistema social que esse indivíduo está inserido. Pautando sua atuação sempre no acolhimento desse sujeito, na psicoeducação, e na atuação ativa frente às mazelas sociais evidenciadas e elencadas a partir da relação terapêutica e da escuta ativa desses indivíduos. Atuando assim na prevenção, manutenção e promoção da saúde integral de adolescentes, entendendo como algo que se vincula às questões físicas, psíquicas e sociais.

REFERÊNCIAS

CEPP - **Código de Ética Profissional do Psicólogo. Conselho Federal de Psicologia**, Brasília, agosto de 2005. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>. Acesso em: 10 de setembro de 2021.

DUTRA, E. **CONSIDERAÇÕES SOBRE AS SIGNIFICAÇÕES DA PSICOLOGIA CLÍNICA NA CONTEMPORANEIDADE**. Estudos de Psicologia, 2004, p. 381-387. Acesso em 01/09/2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/7dTyvpTbPQW9XfFsgk4shcn/?lang=pt&format=pdf>

FONSECA, F. F.; SENA, R. K. R.; SANTOS, R. L. A.; DIAS, O. V.; COSTA, S. de M. **AS VULNERABILIDADES NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA E AS POLÍTICAS PÚBLICAS BRASILEIRAS DE INTERVENÇÃO**. Rev. paul. pediatr. 31 (2), p. :258-264 Jun 2013. Acesso em 15/06/2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rpp/a/Qtvk8gNNVtnzhyqhDRtLX6R/?format=html>

GUARESCHI, N. M. F.; REIS, C. D.; HUNING, S. M.; BERTUZZI, L. D.; **INTERVENÇÃO NA CONDIÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL: UM ESTUDO SOBRE A PRODUÇÃO DE SENTIDOS COM ADOLESCENTES DO PROGRAMA DO TRABALHO EDUCATIVO**. Estudos e pesquisas em psicologia, v. 7, n. 1, p. 20-30, 2007. Acesso em 16 de abril de 2021 <https://www.redalyc.org/pdf/4518/451844613005.pdf>

MACEDO, O. J.; PESSOA, M. C. B.; ALBERTO, M. F. P. **ATUAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DE PSICOLOGIA JUNTO À INFÂNCIA E À ADOLESCÊNCIA NAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE ASSISTÊNCIA SOCIAL**. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932015000300916&lng=en&nrm=iso. acesso em 12 de abril de 2021.

MONTEIRO, S. R. da R. P. **O MARCO CONCEITUAL DA VULNERABILIDADE SOCIAL. SOCIEDADE EM DEBATE.** v. 17, n. 2, p. 29-40, 2012. Disponível em: <https://www.rle.ucpel.tche.br/rsd/article/view/695> . Acesso em: 12 de abril de 2021.

Morais, N. A., Raffaelli, M. & Koller, S. H. **ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL E O CONTINUUM RISCO-PROTEÇÃO.** Avances en Psicología Latinoamericana, 30(1), 118-136. Disponível em: <https://revistas.urosario.edu.co/index.php/apl/article/view/1521/1873> . Acesso em: 10 de setembro de 2021.

OLIVEIRA, P. C.; REIS, M. L.; VANDENBERGHE, L.; SOUZA, M. M. de; MEDEIROS, M. **“SOBREVIVENDO”: VULNERABILIDADE SOCIAL VIVENCIADA POR ADOLESCENTES EM UMA PERIFERIA URBANA.** Interface-Comunicação, Saúde, Educação, v. 24, p. e190813, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/icse/2020.v24/e190813/pt> . Acesso em 16 de abril de 2021.

Paulino, J. A.; Lopes, R. F. F. **RELAÇÃO ENTRE PERCEPÇÃO E COMPORTAMENTO DE RISCO E NÍVEIS DE HABILIDADES COGNITIVAS EM UM GRUPO DE ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL.** Psicologia Ciência e Profissão, 30(4), 752- 765. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=1661007&pid=S1677-1168201800020001300030&lng=pt . acesso em 10 de setembro de 2021.

QUIROGA, F. L.; VITALLE, M. S. de S. **O ADOLESCENTE E SUAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: APONTAMENTOS SOBRE A IMPORTÂNCIA DO CONTEXTO HISTÓRICO.** Physis Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, p. 863-878, 2013. Acesso em 15 de maio de 2021. Disponível em: <https://scielosp.org/article/physis/2013.v23n3/863-878/>

REMÉDIOS, C. I. F. R. N. **O BEM-ESTAR PSICOLÓGICO E AS COMPETÊNCIAS PESSOAIS E SOCIAIS NA ADOLESCÊNCIA.** 2010. Tese de Doutorado. disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/2792>

SAPIENZA, G.; PEDROMONICO, M. R. M. **RISCO, PROTEÇÃO E RESILIÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE.** Psicol. estud. Maringá, v. 10, n. 2, p. 209-216, Aug. 2005. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722005000200007&lng=en&nrm=iso .Acesso em 16 de Abril de 2021. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722005000200007>.

SCOTT, J. B.; PROLA, C. de A.; SIQUEIRA, A. C.; PEREIRA, C. R. R. **O CONCEITO DE VULNERABILIDADE SOCIAL NO ÂMBITO DA PSICOLOGIA NO BRASIL: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA.** Psicol. rev. (Belo Horizonte) vol.24 no.2, p. 600-615, Belo Horizonte maio/ago. 2018. Acesso em: 15/06/2021. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682018000200013

SNIS - **Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento**, 2019, disponível em: <http://snis.gov.br/painel-informacoes-saneamento-brasil/web/painel-abastecimento-agua>. Acesso em 10 de setembro de 2021.

SNIS - **Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento**, 2019, disponível em: <http://snis.gov.br/painel-informacoes-saneamento-brasil/web/painel-esgotamento-sanitario>. Acesso em 10 de setembro de 2021.